



CRIATURAS SEM NOME: Por uma Ecotradução de Espécies Animais e Seres Fantásticos

Giovanna Chinellato¹
Luiz Antonio Lindo²

Resumo

Nomes são importantes para a identificação e percepção do mundo, seja ele real ou imaginário. Assim, dentre os muitos desafios encontrados pelo tradutor, um de grande relevância para os estudos da ecotradução é a dificuldade em localizar o léxico adequado e a insuficiência de vocabulários para designar espécies animais e criaturas fantásticas. Este estudo parte da problemática do desconhecimento e da falta de nomes comuns para seres vivos ou fantásticos e analisa possíveis caminhos e soluções, especialmente na literatura traduzida publicada no Brasil, e considera suas implicações para o imaginário acerca da natureza.

Palavras-chave: Tradução. Literatura. Natureza. Fantasia. Ecotradução.

Nameless creatures: for an ecotranslation of animal species and fantastic beings

Abstract

Names are important for identifying and perceiving the world, be it real or imaginary. Thus, among the many challenges faced by the translator, one of great significance to ecotranslation studies is the difficulty in finding proper words and the lack of vocabulary to designate animal species and fantastic creatures. This study looks into the issue of insufficient knowledge and lack of common names for animals and creatures, and analyzes possible paths and solutions, especially regarding translated literature published in Brazil, and considers its outcomes to the perception of nature.

Keywords: Translation. Literature. Nature. Fantasy. Ecotranslation.

¹ Doutoranda do Programa em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo (USP); giovanna@chinellatto.com.br

² Prof. do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas e Letras Modernas da Universidade de São Paulo lal@usp.br

As pessoas nomeiam e apelidam a si mesmas, seus filhos, animais de estimação, amigos, mas também seus carros, assistentes virtuais, leitores de e-book e até seus robôs aspiradores. Nomes alteram e definem a percepção e visão de mundo. Porém, embora saber identificar espécies animais tenha sido questão de sobrevivência para antepassados humanos, é hoje uma prática, como muitas das próprias espécies, em extinção. É mais fácil encontrar quem saiba o que é uma Ferrari, um Roomba ou uma Cortana, do que encontrar um brasileiro que saiba o que é uma cuíca, uma anhinga ou um queixada. O que não é efetivamente surpreendente ao considerar que, num mundo devastado onde florestas foram substituídas por concreto, a Ferrari, o Roomba e a Cortana estão provavelmente mais próximos, física e ideologicamente, do que a cuíca, a anhinga e o queixada. Porém, um mundo sem a cuíca, a anhinga e o queixada é muito provavelmente um mundo sem humanos. Mas as pessoas parecem não saber isso e, embora o mundo fique de luto quando um prédio como, digamos, uma catedral, queima sem vítimas, poucos se mobilizam quando 25% de um bioma se incendeia com milhões de vítimas fatais. O que, mais uma vez, talvez não seja tão surpreendente dado que sequer sabem que a cuíca, a anhinga e o queixada viviam lá.

Logo, superar a barreira do desconhecimento e desconexão ideológica com o mundo natural é um importante passo para a compaixão e coexistência. Bekoff defende que o movimento ambiental precisa ser baseado na conexão, paz, empatia e amor para criar uma mudança no paradigma pessoal de cada um, a fim de perceber os animais, e a natureza como um todo, por quem realmente são, e não com lentes utilitaristas, o que leva a pequenas grandes mudanças de atitude que fazem a diferença. Esse também é o único caminho possível segundo Buell (i): “no fim, o sucesso de todos os esforços ambientais se sustenta não em ‘alguma tecnologia altamente desenvolvida ou alguma nova ciência’, mas em um ‘estado da mente’: em atitudes, sentimentos, imagens, narrativas”. Devido ao seu fator humanizante e potencial em contribuir com a formação da personalidade (Candido 188), a literatura é uma forte aliada para essa alteração no paradigma pessoal e a criação de um novo estado da mente. Macfarlane observa que

a literatura tem certas habilidades especiais, muito diferentes daquelas da ciência. Ela pode nos transportar para dentro da mente de outras pessoas e até – de forma especulativa – de outras espécies [...] De forma crucial, nas palavras do autor e ambientalista Bill McKibben, pode nos fazer sentir as coisas “na pele” – medo, perda, danos, é claro, mas principalmente

esperança, beleza e encanto. E estas são, acredito, as emoções mais importantes em termos do nosso futuro ambiental: é mais provável que nosso comportamento mude por uma promessa do que por uma ameaça. Não vamos salvar aquilo que não amamos. (Macfarlane 167)

Logo, pensando no âmbito da ecotradução³, é necessário buscar um vocabulário de chegada que respeite as particularidades do ambiente e a individualidade das espécies e criaturas retratadas para que sejam conhecidas e reconhecidas pelo que são. Um exemplo curioso do apagamento desses aspectos é a amplamente difundida expressão “o rei da selva”. Primeiro, pois, ao contrário da crença popular, leões vivem numa sociedade igualitária e o termo “rei” remete, erroneamente, a uma hierarquia vertical inexistente entre eles, mas que pode estar associada ao fato de serem grandes predadores de topo (predadores alfa). Problema maior aparece ao considerar o termo “selva”. Leões, como entusiastas de documentários e escritos de natureza podem prontamente atestar, não vivem na selva. O uso de “selva” aparenta vir, em verdade, do inglês *jungle*, que é uma tradução confusa do sânscrito *jāṅgala*, “terreno irregular e árido” (Oxford), logo, savana.

Em relação às espécies, o desafio é ainda maior, pois nem todos os animais e plantas têm nomes populares estabelecidos na língua de chegada, seja ela qual for, e, dentre os que têm, muitos são desconhecidos ao leitor de uma cultura diversa. Um exemplo curioso é o da capivara. Embora o inglês tenha a tradução direta *capybara*, assim como muitos outros idiomas⁴, esse roedor simpático é praticamente desconhecido fora da América do Sul, o que gerou grande movimentação na mídia e redes sociais quando, nas olimpíadas de 2016 no Brasil, estrangeiros se depararam com capivaras nos campos olímpicos de golfe. À época, na busca por descrições que fizessem sentido ao leitor (estrangeiro), o *Los Angeles Times* as chamou de “hamsters gigantes” e “um cruzamento entre um geomiídeo e um porco”. Geomiídeos (família *Geomyidae*), por sua vez, chamados *ghoppers* em inglês, são animais desconhecidos no Brasil, e, ao traduzir a frase do LA Times, o Portal G1 optou pela adaptação, utilizando o termo “esquilo” (família *Sciuridae*).

Essa espiral, quase uma cama-de-gato de nomes que se enrolam e desenrolam para formar, às vezes, imagens completamente diferentes da inicial, é o ponto de partida deste

³ Considera-se aqui ecotradução toda tradução consciente do ponto de vista ambiental que é feita a partir de uma compreensão ecocrítica da narrativa.

⁴ Alemão (*capybara*), francês (*capybara*), italiano (*capibara*), japonês (カピバラ: fonético para “capibara”).

estudo. Busca-se avaliar os possíveis caminhos para a identificação de nomes comuns e analisar as soluções adotadas na literatura traduzida para quando estes são, ou aparentam ser, inexistentes, a fim de que se possa levar a cuíca, a ahinga e o queixada ao conhecimento do leitor, pois, afinal, não é possível amar nem respeitar aquilo que se sabe que existe. E respeito é justamente o que as florestas que estão queimando e desaparecendo mais precisam do homem.

Canis lupus familiaris

Uma das primeiras tentativas de registrar e categorizar espécies animais que sobreviveu até os dias de hoje é *A História dos Animais*, de Aristóteles. E a obra tinha dez volumes. Nos 2300 anos que se passaram desde então, a ciência já reconheceu mais de 1,8 milhões de espécies, entre plantas e animais, com novas descobertas todos os anos e estimativas de que o número real esteja entre 3 a 100 milhões (The Harvard Gazette). E nomear uma biodiversidade tão vasta, num mundo de biomas tão distintos e uma babel de linguagens, não é uma tarefa fácil. Embora nomes comuns possam ter alguma associação direta com o animal, como a onça-pintada e o peixe dourado, nomeados de acordo com a pelagem e a cor, estes são minoria e o mamífero aqui chamado de cachorro é também um *dog* na Inglaterra, um *cane* na Itália e um *inu* no Japão. Assim, em meados do século XVIII, da necessidade de termos que pudessem garantir a pesquisadores de diversas partes do mundo que se referem, ou não, a um mesmo animal, após uma longa iniciativa que começara no século anterior (Attuquayefio 56), Carl Linnaeus propôs o uso da nomenclatura binomial com o gênero seguido pela espécie, ambos em latim, uma língua morta pouco sujeita a mudanças e muito usada no meio acadêmico da época. Hoje, acrescenta-se ainda um terceiro termo para as subespécies. Assim, o cão se tornou, universalmente, o *Canis lupus familiaris*, uma subespécie do *Canis lupus*, o lobo.

A solução funciona para taxonomistas e zoólogos. Para tradutores, entretanto, é apenas metade do caminho. Primeiro, pois os binômios de Linnaeus só são aplicados a seres vivos que existem ou existiram – ninguém, até o momento, nomeou o unicórnio *Equus unicornis*³.

Segundo, porque “Os Três *Sus scrofa domesticus*” não é uma tradução funcional ou aceitável para “*The Three Little Pigs*”. Saber que *pig* refere-se ao *Sus scrofa domesticus* é uma etapa importante, especialmente para animais menos conhecidos, mas o grande desafio frequentemente está em chegar a “porco”. Embora existam tentativas de criar bancos de dados internacionais para seres vivos, que disponibilizem nomes comuns em diversos idiomas, como a *Encyclopedia of Life*, *IUCN Red List* e *iNaturalist*, estas iniciativas dependem em grande parte de tradutores voluntários e da contribuição do público, o que pode levar a resultados imprecisos que devem necessariamente ser checados e conferidos em outras fontes, como pesquisas científicas, que, entretanto, raramente usam os nomes comuns. Ademais, catalogar mais de 1,8 milhões de espécies em um mundo com 7.139 idiomas vivos (Eberhard) é uma tarefa quase impossível e a grande maioria é apresentada apenas com o binômio de Linnaeus e, com sorte, o nome popular em inglês.

Entretanto, mesmo que encontre o nome comum correspondente, o tradutor pode se deparar ainda com outro problema: o estranhamento do léxico e desconhecimento do animal na cultura de chegada. Caso recorrente é do *chipmunk*, roedores do hemisfério norte pertencentes aos gêneros *Tamias*, *Eutamias* e *Neotamias* que são extremamente comuns e conhecidos nos Estados Unidos e, logo, figuram em diversos livros e obras dessa região. No Brasil, o nome comum para *chipmunk*, derivado do seu gênero, é “tâmia”. Mas apesar de sua presença constante em materiais importados dos EUA, “tâmia” ainda é um termo desconhecido para muitos brasileiros, mesmo que o animal em si, ao menos imagneticamente, possa não ser: o filme *Alvin and the Chipmunks*, da 20th Century Fox, foi um sucesso de vendas e tem três sequências até o momento. A estratégia dos tradutores do longa foi generalizar a espécie para “esquilo”, já que, de fato, tâmias são uma espécie de esquilo da família *Sciuridae*. A generalização, porém, leva o espectador a associar as criaturas retratadas com outros esquilos mais comuns, como o brasileiro caxinguelê (*Sciurus aestuans*) e, principalmente, o esquilo-cinzento (*Sciurus carolinensis*). Estes, porém, são esquilos arborícolas com longas caudas, enquanto as tâmias têm caudas menores e fazem suas tocas no chão. Assim, a generalização apaga, por natureza, a individualidade da espécie e priva o espectador do conhecimento acerca de um novo animal.

⁵ Considerando representações recentes de “cavalos com chifre”, é claro. Se formos considerar unicórnios medievais ou da obra *The Last Unicorn*, de Peter S. Beagle, eles teriam de pertencer à ordem *Artiodactyla* de animais com cascos fendidos e provavelmente receberiam um gênero próprio.

Outro caso interessante, analisado por Simone dalla Chiesa, é o do japonês *tanuki* (狸, *Nyctereutes procyonoides*). O *tanuki* é um canídeo noturno muito popular na Ásia, com forte presença no folclore japonês, no qual é considerado um animal mágico que pode mudar de forma e pregar truques nos humanos. Porém, conforme observou Chiesa (151), “o *tanuki* é desconhecido em países de língua inglesa, logo, o inglês não tem uma palavra para ele e a tradução direta não é possível” – e o mesmo é válido para o português. A tradução mais comum para o inglês é *raccon dog*, possível origem de “cachorro-guaxinim”. Ainda segundo Chiesa, *raccoon dog* faz uma associação com dois animais distintos que compartilham características visuais com o *tanuki*, o cachorro e o guaxinim, mas mantém a informação de que se trata de uma espécie diferente, assim como o empréstimo do termo estrangeiro *tanuki*, o que não acontece com muitas traduções que domesticam o termo para *raccoon* (ou “guaxinim”), como na dublagem da animação japonesa “*Pom Poko*”⁶, do premiado estúdio Ghibli. Segundo o autor, no primeiro caso:

Em termos de arquivos mentais, “cachorro-guaxinim” faz com que o receptor crie uma nova entrada enciclopédica para um referente previamente desconhecido. No momento de sua criação, essa entrada já tem algum conhecimento, aquele pequeno dado enciclopédico expresso descritivamente pelo próprio termo, a expressão transparente e denotativa “cachorro-guaxinim” – e está pronta para acumular novas informações obtidas no restante do texto de chegada. (Chiesa 154)

Porém, no caso da animação, “desinformação é retida como conhecimento” (156):

o receptor do texto de chegada toma “guaxinim” como tradução direta. Nenhum arquivo mental é criado. Em vez disso, o arquivo existente GUAXINIM é atualizado com novas informações adquiridas no texto. [...] Essa cadeia de crenças errôneas desencadeadas pela primeira dublagem ostensiva de *tanuki* como “guaxinim” pode facilmente se tornar uma atualização permanente dos arquivos enciclopédicos do espectador que dizem respeito a guaxinins e o Japão, pois ele dificilmente terá chances de adquirir verdades factuais com as quais sobrepor os conteúdos errados. (Chiesa 156)

Para *chipmunk* e *tanuki*, porém, existem correspondentes, embora pouco conhecidos, na língua de chegada, e o tradutor que busca ampliar o conhecimento do leitor acerca da vida animal pode optar pelas soluções “tâmia” e “cachorro-guaxinim”, ou até fazer o empréstimo

⁶ Em japonês, 平成狸合戦ぽんぽこ. Em inglês, “*Pom Poko*”. Em português, “Pom Poko: a grande batalha dos guaxinins”.

de “*tanuki*”. Desafio ainda maior é quando a espécie simplesmente não tem um nome comum estabelecido na língua de chegada. Em uma análise das soluções encontradas por tradutores indonésios de documentários da vida selvagem produzidos pela Nat Geo Wild TV, Muttaqien identificou seis técnicas mais usadas⁷: empréstimo (*puffin*⁸ = *puffin*) e naturalização (*Atlantic salmon*⁹ = *salmon Atlantik*), equivalência estabelecida (*hare*¹⁰ = *kelinci*), calque (*long horn bees*¹¹ = *Kumbang tanduk panjang*¹²), descrição (*seal*¹³ = *anjing laut*¹⁴), amplificação (*razorbill*¹⁵ = *burung*¹⁶ *razorbill*) e modulação (*young hare*¹⁷ = *anak kelinci*¹⁸). Do ponto de vista de uma tradução consciente em termos ambientais, as seis técnicas se mostram válidas, dado que não existe apagamento nem domesticação da espécie do texto de origem, possibilitando a formação de novos conhecimentos, ou arquivos mentais, ao espectador que desconhecia a espécie.

Embora o empréstimo possa ser visto como estrangeirizador (e boicotado por alguns), vale lembrar que esta foi a principal técnica adotada pelos jesuítas para traduzir e nomear diversas espécies brasileiras, e tais léxicos estão hoje perfeitamente incorporados ao português. Segundo Miranda (31), não havia necessidade de criar novos termos dado que os animais já estavam nomeados; coube aos jesuítas apenas fazer “do português uma imensa Arca de Noé, onde a grande maioria dos nomes indígenas dos animais foram salvos no dilúvio da aculturação”. Para retomar o exemplo da capivara, o nome do simpático roedor vem do tupi *kapii'gwara*: *ka'pii* (capim) + *'gwara* (comedor), logo, comedor de capim (Houaiss). Outros exemplos são: jacaré, “que olha de lado”; jararaca, “envenena a quem ataca”; paca, “acordar” (Miranda). Como se pode observar, ainda segundo Miranda (29), “os nomes indígenas expressam diversas características biológicas e ecológicas dos animais”¹⁹, logo, os

⁷ Baseado nas 18 técnicas definidas por Molina e Albir, que, por sua vez, tem base em uma revisão de pesquisas anteriores como Vinay e Dalbérnet. São elas: *Borrowing*, *Calque*, *Literal translation*, *Transposition*, *Crossed transposition*, *Modulation*, *Equivalence*, *Adaptation*, *Compensation*, *Dissolution*, *Concentration*, *Amplification*, *Economy*, *Reinforcement*, *Condensation*, *Explicitation*, *Implication*, *Generalization*, *Particularization*, *Articularization*, *Juxtaposition*, *Grammaticalization*, *Lexicalization* e *Inversion*.

⁸ Papagaio-do-mar.

⁹ Salmão-do-Atlântico.

¹⁰ Lebre.

¹¹ Abelhas (mamangavas) do gênero *Eucera*, sem equivalente em português.

¹² A tradução foi feita palavra a palavra: “Mamangavas de chifres longos”.

¹³ Foca.

¹⁴ *Anjing laut*: “cão-do-mar”, um termo já estabelecido para “foca”.

¹⁵ Torda-mergulheira.

¹⁶ *Burung*: pássaro.

¹⁷ Lebre jovem.

¹⁸ Anak: criança; kelinci: lebre.

nativos, ao contrário dos invasores, preferiam a solução descritiva – que é outra técnica válida para o tradutor, embora menos preferível do ponto de vista da ecotradução por poder criar associações erradas (de que o *tanuki* é um tipo de cachorro, por exemplo).

Por fim, um último caso desafiador que vale a pena ser analisado de perto, pois lida com questões recorrentes na tradução de espécies de aves, é o da família *Corvidae*. No Brasil, os únicos representantes endêmicos da família são as gralhas (do gênero *Cyanocorax*), portanto, os nomes populares dos demais, quando existem, são desconhecidos ou generalizantes. Duas espécies distintas, de forte presença na literatura traduzida, são o *raven* e o *crow*, ambas chamadas de “corvo” em português. Embora possam ser diferenciadas pelo nome completo das espécies, como “corvo-comum” para *raven* e “corvo-americano” para *crow*, esta solução é raramente utilizada nos textos de ficção²⁰ (a exemplo do poema de Poe, em que *The Raven* = “O Corvo”), dado que dificilmente têm o objetivo de ensinar história natural e de fato o nome completo causaria estranhamento e quebra da fluidez da narrativa. A estratégia generalizante, porém, como visto acima, apaga as características de cada espécie e força o falante a categorizar, erroneamente, as informações acerca de ambas como sendo de um mesmo animal, em um único arquivo mental.

O primeiro desafio parte do fato de que *Raven* também é um nome próprio na língua inglesa, e uma solução curiosa dos tradutores da DC Comics para a personagem Raven foi “Ravena”, o que, entretanto, perde a associação com o animal. Outra personagem da mesma editora é Margaret Pye, cujo apelido é Magpie, referência à outra ave também da família *Corvidae*, cujo nome popular no Brasil é “pega” e tem a fama de ter fascínio por coisas brilhantes e de roubá-las para levar ao seu ninho. A solução dos tradutores foi de manter o termo estrangeiro, inalterado, provavelmente devido ao jogo linguístico com o nome da personagem e ao desconhecimento de “pega” pelo público geral. O problema desta escolha, entretanto, é que, como com “Ravena”, perde-se a referência ao animal e, principalmente, ao sentido do apelido: Margaret Pye é uma ladra que ama coisas brilhantes, como joias e pedras preciosas, assim como se acredita popularmente acerca das pegas (a fama das aves é, entretanto, injusta, conforme pesquisa da University of Exeter).

¹⁹ É válido observar que a técnica descritiva foi, no século XVII, a primeira solução dos taxonomistas para os nomes universais em latim, que dariam origem ao binômio de Linnaeus, também com tendências descritivas: a capivara é até hoje *Hydrochoerus hydrochaeris*, grego para “porco d’água”.

²⁰ Em contraste com textos didáticos e enciclopédicos.

Porém, mais desafiadora ainda é a situação na obra *The Hobbit (O Hobbit)* de J. R. R. Tolkien, em que *crow* e *raven* são colocados lado a lado como espécies distintas, sendo uma de grande ajuda para os protagonistas e a outra temida por estes por ser pouco confiável. Considerando tratar-se de alta fantasia, em que a narrativa se passa, a princípio, em um mundo secundário²¹, “corvo-comum” e “corvo-americano” não seriam escolhas possíveis. A solução encontrada pela tradutora Lenita Esteves foi utilizar “corvo” e “gralha” (Tolkien *Hobbit*), dado que esta também é uma ave da família *Corvidae*, mesmo que pertencente a outro gênero, e, como mencionado, existe no Brasil e é um termo de fácil compreensão para o leitor. Por ser um mundo de fantasia e não ser mencionada nenhuma característica exclusiva de uma ou outra espécie, a solução funciona na narrativa e funciona também do ponto de vista da ampliação da consciência ambiental, já que, como no texto de partida, são apresentadas duas espécies distintas ao leitor. Esta não é, porém, a única dificuldade encontrada por tradutores da literatura especulativa...

Equus unicornis

Se nomes comuns de animais reais já podem apresentar um grande desafio para o tradutor que busca um trabalho consciente do ponto de vista ambiental, nomes de criaturas fantásticas podem ter ainda mais obstáculos, e menos ferramentas disponíveis. Porém, especialmente no âmbito da literatura, também são importantes para o desenvolvimento de uma nova consciência. Afinal, como disse Tolkien (*Fairy-Stories* 147), “com a criação do pégaso, cavalos foram enobrecidos; nas Árvores do Sol e da Lua, raiz e tronco, flor e fruto são manifestados em glória” e uma das três funções da fantasia é a de Recuperação, ou seja, ela nos possibilita reaprender a ver o mundo para podermos nos maravilhar com cada coisa, por mais conhecida e banal que parecesse antes, sejam pedras, ou criaturas. Acrescenta-se que narrativas de fantasia tendem a retratar florestas como fonte de magia e morada de criaturas mágicas, ambientes de encanto, sabedoria e poder, que exigem (e merecem) respeito – e que, principalmente em obras a partir da segunda metade do século XX, estão desaparecendo (Chinellato).

²¹ Tolkien frequentemente associava a Terra Média à Europa (vide cartas 211 e 131), porém não é feita nenhuma menção a locais do mundo “real” dentro da narrativa. E, de qualquer forma, corvos e gralhas coexistem na Europa, assim como *ravens* e *crows*.

Além disso, uma criatura não pode ser dissociada do ambiente em que vive, um peixe não sobrevive fora d'água mais do que um caipora sobrevive fora das matas brasileiras, e a compreensão dessa conexão é uma das bases da consciência ecológica. Mas, para isso, dado que na literatura de fantasia a inspiração para muitas criaturas vem diretamente da mitologia e folclore, é importante que o tradutor reconheça esse passado mítico e considere a possibilidade de uma tradução que evite apagá-lo, ou seja, que evite transformar um *leshy* num caipora. Assim, da mesma forma que com uma tãmia ou um *tanuki*, o leitor poderá ampliar seu conhecimento com um novo arquivo mental. Porém, como dito anteriormente, o unicórnio não tem nome científico – e pode ser uma árdua tarefa provar se inchneumon e cocatrice são a mesma criatura, ou que sereia e sirena não o são. A busca por uma equivalente para a tradução direta, mesmo com a ajuda de um amplo corpus, é difícil e pode terminar, como com os animais reais, direto no beco sem saída do labirinto de um minotauro: nem todas as criaturas têm nomes traduzidos ou são conhecidas pelo leitor do texto de chegada.

Quando se trata de um nome descritivo, como *winged serpent* ou mula-sem-cabeça, existe a possibilidade da tradução direta palavra por palavra. Porém, com um *kobold*, *troll* ou *leprechaun*, uma solução para evitar apagamentos seria o empréstimo. Na tradução de *Drachenreiter* (*O Cavaleiro do Dragão*), de Cornelia Funke, Sergio Tellaroli optou por manter *kobold* como no texto de partida (Funke), assim como Alves Calado apenas adaptou a grafia de *leprechaun* na série *Artemis Fowl* (Colfer), sem comprometimentos na compreensão das narrativas, ambas para o público juvenil. Na tradução dos livros do personagem Pumuckl, de Ellis Kaut, entretanto, a escolha para *kobold* foi “duende” (Ellis) – e, embora este tenha semelhanças com o primeiro, como entrar nas casas humanas e pregar peças, a escolha desloca a criatura para fora de seu ambiente e apaga a origem alemã do *kobold* e suas características peculiares que foram moldadas pelo imaginário popular por diversos séculos, como o fato de que o *kobold*, ao contrário do duende, pode ter boa índole e ajudar as pessoas. Além disso, o próprio termo “duende” vem também de um empréstimo: do espanhol *dueño* (“dono da casa”) (Oxford).

Caso semelhante é o da tradução da saga *Harry Potter*, em que *troll*, uma criatura grande, foi adaptado para “trasgo” (Rowling), um tipo de duende ibérico. Assim, além do apagamento à referência mitológica e folclórica, tem-se uma grande transformação imagética da criatura, o que levou Rodrigues e Duque a considerarem que a escolha causou uma perda

semântica injustificável do ponto de vista sociocultural. Leite (60) também reconhece o apagamento causado pela tradução e conclui que a escolha foi malsucedida, pois “um leitor brasileiro que tenha conhecimento da mitologia europeia de contos de fadas confundiria o papel do personagem em questão”. Acrescenta-se ainda que, considerando a enorme influência das obras de J. R. R. Tolkien e uma presença massiva da literatura de língua inglesa no Brasil, o leitor da saga *Harry Potter* tem maiores chances de estar familiarizado com um *troll* do que com um trasgo.

E, de fato, na tradução de *The Lord of the Rings (O Senhor dos Anéis)*, Lenita Esteves manteve *troll*, assim como *orc*, seguindo as orientações do próprio autor (e filólogo) em seu “*Guide to the Names in The Lord of the Rings*” (“Guia para os nomes em *O Senhor dos Anéis*”). O documento de Tolkien é um guia para a tradução dos nomes da Terra Média, mas suas considerações podem ser extrapoladas para outras obras: nomes descritivos, como *Big Folk*, *Wormtongue* e *Black Riders* devem ser traduzidos pelo sentido; assim como criaturas folclóricas que tenham equivalentes na língua de chegada, como *elf*; criaturas criadas por ele, como *ent* e *hobbit* devem ser mantidas, já que os termos também não tinham significado na língua inglesa. No caso do termo *halfling*, que o autor diz não ser propriamente uma palavra em inglês apesar de seus elementos mórficos o serem, a sugestão é traduzir com uma criação semelhante que use um termo equivalente para “*half*” no idioma da tradução. Para os nomes dos cavalos *Shadowfax* e *Snowmane*, que são formas anglicizadas de nomes descritivos na língua de Rohan (criadas pelo autor), Tolkien sugere que sejam mantidos ou usada a forma original de Rohan para o segundo, *Snowmana*, e a simplificada para o primeiro, *Scadufax*.

Neologismos também são mantidos por meio do empréstimo nas obras de Ursula K. Le Guin, como o animal *otak* e o minúsculo dragão *harrekki* da série *Earthsea*, mas também em suas narrativas do gênero que divide a família da ficção especulativa com a fantasia, a ficção científica: os nomes dos povos de seu Hainish Cycle foram mantidos, como *creechies* na obra *The Word for World is Forest*, na qual a mensagem ambiental da série ganha destaque. Segundo Korpi, os neologismos da ficção científica contribuem para a construção cognitiva do novo mundo que está sendo narrado – e pode-se dizer que o mesmo é válido para a fantasia. A autora acrescenta ainda que os neologismos são a voz do gênero, seu elemento definidor, que já é esperado pelo leitor. Enquanto na fantasia neologismos podem não ser tão abundantes ou pré-requisitos, o paralelo pode ser feito com criaturas fantásticas, que também

são esperadas, sejam elas velhas conhecidas do leitor, como o grande dragão cuspidor de fogo, ou seres completamente novos, como um imenso *ent* ou um minúsculo *harrekki*.

Por fim, um último caso curioso que vale a pena ser observado é o do *wyvern*, o dragão de duas patas e duas asas. Na heráldica, o equivalente estabelecido para *wyvern* é “serpe” (Costa). Porém, nos dicionários brasileiros, “serpe” é tido apenas como sinônimo para serpente²² e o termo parece não ter se consolidado na literatura de fantasia, causando estranhamento (Ludopedia) na tradução da Galápagos Jogos para o manual de monstros do RPG *Dungeons & Dragons*, sendo que, na tradução do mesmo manual feita por fãs e disponibilizada na internet, a escolha foi manter *wyvern*, ou seja, o empréstimo direto. Na série *The Witcher*, de Andrzej Sapkowski, tanto o polonês quanto a sua tradução para o inglês usam *wyvern* (Sapkowski *Witcher*); no Brasil, a escolha foi novamente “serpe” (Sapkowski *Desejo*), mas apenas nos livros – no jogo *Witcher 3: Wild Hunt*, usa-se *wyvern*. Outra escolha para *wyvern*, porém malsucedida em retratar a espécie corretamente, é a de *Throne of Glass*, de Sarah Maas, em que foi usado o descritivo “serpente alada”; entretanto, como já mencionado, *wyverns* não são serpentes, e sim dragões, com duas patas além das asas, o que reflete novamente um apagamento e repasse de uma imagem errônea.

Considerações finais

Ao analisar a importância do conhecimento e reconhecimento das espécies animais e criaturas fantásticas para desenvolver uma nova consciência ambiental, observa-se que a tradução pode tanto apagar uma espécie quanto enaltece-la e é papel do tradutor fazer escolhas conscientes que considerem a imagem mental que será criada (ou não) da criatura em questão. Este estudo constatou que a adaptação priva o leitor de um novo conhecimento e, na maioria das vezes, não se justifica em termos de facilitar a compreensão, dado que novos termos são esperados em obras estrangeiras, especialmente de fantasia e de ficção científica. Assim, a tradução direta ou o empréstimo se mostram as opções mais válidas para favorecer a categorização mental correta do ser vivo que está sendo retratado e podem contribuir para uma maior empatia pelo mundo natural. Afinal, o trabalho traduzido pode ser a única chance de encontro entre o leitor e uma tãmia, ou um *tanuki*. Conforme Coisson e Badenes (356)

²² Além de outros significados não relacionados a criaturas (Houaiss; Michaelis).

“traduções erradas silenciaram a voz da natureza” – e também apagaram suas criaturas: é o momento de o tradutor identificar o poder que tem nas mãos e mostrar ao mundo que nem todo corvo é um corvo.

Referências bibliográficas

ATTUQUAYEFIO, D. K. **Justification for a Standardised Zoological Nomenclature**: The Fascinating World of Animal Common Names. *Ghana Journal of Science* 50 (2010): 55-67.

BEKOFF, Marc. **Rewilding our hearts**: Building pathways of compassion and coexistence. New World Library, 2014.

BUELL, Lawrence. **Ecocriticism**: Some emerging trends. *Qui Parle: Critical Humanities and Social Sciences* 19.2 (2011): 87-115.

CANDIDO, Antonio. “O Direito à Literatura”. In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul (2011): 171-193.

CHERWA, John. **Could the capybara be the Brazil equivalent to a rabbit at Easter?** *Los Angeles Times*, 20/08/2016. Disponível em <<https://www.latimes.com/sports/olympics/la-sp-oly-buzz-20160810-snap-story.html>> Acesso em 18/07/2021.

CHINELLATO, Giovanna. Where the magic things are: Forests in fantasy literature. **ITINERÁRIOS–Revista de Literatura** (2020). Disponível em <<https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/13552>> Acesso em 18/07/2021.

COISSON, Josefina; BADENES, Guillermo. Ecotranslation: a journey into the wild through the road less travelled. **European Scientific Journal** (2015).

COLFER, Eoin. **Artemis Fowl**: o menino prodígio do crime. Tradução de Alves Calado. Galera Record, 2001.

COSTA, Antonio Luiz M. C. **Títulos de nobreza e hierarquias**. Editora Draco, 2014.
CHIESA, Simone dalla. Translating animal names: the case of the Japanese TANUKI. **Journal of Foreign Language Teaching and Applied Linguistics** (2016): 151.

Dungeons & Dragons: Manual dos Monstros. Versão GitHub. Disponível em <<https://dnd5ed.github.io/livros/MM.pdf>> Acesso em 19/07/2021.

Dungeons & Dragons: Monster Manual - Livro Dos Monstros - Edição em Português. Galápagos Jogos, 2019.

EBERHARD, David M. Simons; GARY, F. Fennig; CHARLES, D. (eds.). 2021. **Ethnologue**: Languages of the World. Twenty-fourth edition. Dallas, Texas: SIL International. Disponível em <<http://www.ethnologue.com>> Acesso em 16/07/2021.

ELLIS, Kaut. **Pumuk**: que duende danado! Editora Ática, 1997.

FUNKE, Cornelia. **O cavaleiro do dragão**. Tradução de Sergio Tellaroli. Cia das Letras, 2009.

G1. "Gringos estranham capivaras em campo de golfe: 'Hamsters gigantes'". **Portal G1**, 12/08/2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/blog/brasil-visto-de-fora-na-olimpiada/post/gringos-estranham-capivaras-em-campo-de-golfe-hamsters-gigantes.html>> Acesso em 18/07/2021.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Versão eletrônica: Editora Objetiva, 2009.

KORPI, Suvi. **Neologies as the voice of science fiction in translation**: the quest for generic fluency. Voices. VAKKI-symposium XXXVII. Vaasa. 2017. Disponível em <http://www.vakki.net/publications/2017/VAKKI2017_Korpi.pdf> Acesso em 01/07/2021.

LE GUIN, Ursula K. **Floresta é o nome do mundo**. Tradução de Heci Regina Candiani. Morro Branco, 1ª edição, 2020.

_____. **O feiticeiro de Terramar**. Tradução de Ana Resende. Editora Arqueiro, 1ª edição, 2016.

LEITE, Isabella Aparecida Nogueira. "A tradução dos nomes em Harry Potter." **Rónai** v. 5 n. 1, 2017. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/23206>> Acesso em 18/07/2021.

LUDOPEDIA. "Erros da Versão Galápagos" **Fórum online**, 2019. Disponível em <https://www.ludopedia.com.br/topico/34492/erros-da-versao-galapagos?id_topico=34492&pagina=4> Acesso em 19/07/2021.

MAAS, Sarah J. **Throne of Glass**. Bloomsbury, 2012.

_____. **Trono de Vidro**. Tradução de Bruno Galiza, Lia Raposo, Rodrigo Santos e Mariana Kohnert. Rio de Janeiro/São Paulo: Galera Record, 2013.

MACFARLANE, Robert. "New words on the wild: Robert Macfarlane reflects on the recent resurgence in nature writing." **Nature** 498.7453 (2013): 166-168. Disponível em <<https://go.gale.com/ps/i.do?id=GALE%7CA334042520&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=00280836&p=AONE&sw=w&userGroupName=anon%7E56ee3ce9>> Acesso em 18/07/2021.

MICHAELIS. **Versão online**: Editora Melhoramentos, 2015.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. **O descobrimento da biodiversidade**: a ecologia de índios, jesuítas e leigos no século XVI. Edições Loyola, 2004.

MOLINA, Lucía. ALBIR, Amparo Hurtado. "Translation techniques revisited: A dynamic and functionalist approach." **Meta: Journal des Traducteurs**/Meta: Translators' Journal 47.4 (2002): 498-512. Disponível em <<https://www.erudit.org/en/journals/meta/1900-v1-n1-meta688/008033ar.pdf>> Acesso em 17/07/2021.

MUTTAQIEN, M. Zainal. "Translation techniques of animal names on Nat Geo Wild TV program subtitles". **ICOLTS 2016: Interlingual and Intercultural Communication Competence for Quality Translation (Proceedings)**, SOLO, 15-16 november 2016, Universitas Sebelas Maret, p. 228.

OXFORD. Jungle. **Lexico** (online). Disponível em <<https://www.lexico.com/definicion/jungle>> Acesso em 12/07/2021.

RODRIGUES, Julia Moura. DUQUE, Alíria de Britto. "Análise da tradução de harry potter e as relíquias da morte." **Episteme Transversalis** 9.2, 2018. Disponível em <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/977>> Acesso em 18/07/2021.

ROWLING, J. K. [sob o pseudônimo de Newt Scamander] **Animais Fantásticos e onde habitam**. Tradução de Lia Wyler. Rocco, 2001.

SAPKOWSKI, Andrzej. **O Último Desejo**. Tradução de Tomasz Barcinski. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

_____. **The Last Wish: Introducing the Witcher**. Tradução de Danusia Stok. Gollancz, 2010.

THE HARVARD GAZETTE. "**One million species, and counting**". Harvard University, 2012. Disponível em <<https://news.harvard.edu/gazette/story/2012/07/one-million-species-and-counting/>> Acesso em 17/07/2021.

TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit**. Tradução de Lenita Maria Rímoli Esteves. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. "On Fairy-Stories" In: **The Monsters and the Critics: and other essays**. HarperCollins UK, 1997.

UNIVERSITY OF EXETER. "**New study takes the shine off magpie folklore**" Disponível em <https://www.exeter.ac.uk/news/research/title_406690_en.html> Acesso em 18/07/2021.

WITCHER 3: Wild Hunt. [Videogame] CD Projekt e Warner Bros. Entertainment Inc., 2019.